



O diário da identidade gaúcha

“Meu querido diário...”

Assim começavam os registros das meninas-moças desta terra em tempos que já foram e que muitos não vivenciaram. Tempos em que a comunicação era diferente, sem a tecnologia que hoje nos parece tão natural, na qual somos inseridos ao nascer.

Naqueles tempos as notícias vinham a cavalo num chasque, pelo rádio, pelas escassas visitas que vinham de longe, “do povo” ou da capital...

Ideias, sonhos, fatos eram registrados em papéis. Documentos eram firmados com fios de bigodes ou assinados com canetas que funcionavam com tinteiros.





As meninas-moças registravam o que lhes acontecia e o que sonhavam em pequenos diários fechados a chave e bem escondidos dos olhos alheios. Havia um código de ética natural que não permitia mexer nele, a não ser se a maldade tomasse conta de algum interesseiro ou se os pais percebessem grandes mudanças comportamentais na menina e o segredo para tal poderia estar registrado nele.

Tantas coisas aconteciam nesse tempo, muita coisa não foi registrada, muitos diários se perderam fechados, muitos chasques não foram passados adiante, muitas notícias permaneceram nas ondas do rádio: não havia como gravá-las. A maioria das coisas da vida desses tempos era passada de “pai pra filho” nas conversas, nas vivências, na observação, pelo exemplo.





Mas a maior parte das coisas desses tempos se modificaram com os avanços tecnológicos e com as mudanças sociais, costumes desses tempos ainda estão nas nossas vidas, mas não mais os reconhecemos pois estão inseridos em novos hábitos e aspectos.

Existem muitas pesquisas sobre a origem e a cultura deste povo, seus costumes, seus polos irradiadores... Cabe agora registrar um passado recente de nossa tradição; se faz necessário para que não percamos nossas raízes, para que não deixemos nossa essência apenas subentendida em novos hábitos sem que possamos ter ela como suporte, como o que sempre norteou homens e mulheres desta terra.

Registremos o que é nosso, para que não nos esqueçamos quem somos!





O exemplo: Parece que ser exemplo é algo tão subjetivo, imperceptível o momento em que isso “acontece”, o momento da aprendizagem. Mas a comunicação não verbal fala alto nesses momentos, na verdade ela grita! Um olhar, aquele olhar, o olhar do aprendiz escancara esse momento único da aprendizagem. No vídeo, o menino Gonçalo Leal Zago, filho de Alexandro Soccac Zago e Leticia de Lima Leal. Clique para assistir:





Participe do nosso fórum de discussão para construirmos juntos esse trabalho. Sobre o capítulo 01, acesse o link abaixo e compartilhe suas experiências cotidianas de tradição, aprendidas em casa.





Na noite de 06 de abril foi realizado o lançamento oficial da obra Diário da Tradição Gaúcha no programa Fala Aí Professor. A autora Sandra Regina de Alencastro Lima conversou com o apresentador Toni Pereira. O lançamento contou com as participações especiais dos convidados Cláudio Lima, Fernanda Lima e Luiza Lima (família), Marcileia Capitaneo (secretária da CBTG), Odila Savaris (Diretora social da CBTG), Nivaldo Rosa (escritor), Rodrigo Guterres e Sandra Veroneze (Pragmatha Editora).
Clique na imagem para assistir.

